

# Literatura



# O duplo espelho em um conto de Machado de Assis

ALFREDO BOSI<sup>1</sup>

“Podes imaginar algo mais terrível que ver, afinal, decompor-se tua natureza em uma multidão de elementos, tornar-te múltiplo, uma Legião, como os desgraçados seres demoníacos e perder assim o mais íntimo e o mais sagrado de um homem: a potência ordenadora da personalidade?”

(Kierkegaard, *Estética e Ética na formação da personalidade*)

“...ficou-me uma parte mínima de humanidade”

(Machado de Assis, “O espelho”)

O CONTO “O espelho” começa pelo fim. Em uma reunião de amigos nos altos de Santa Tereza, o protagonista, Jacobina, lembrará o episódio crucial da sua vida. As linhas de abertura, escritas em terceira pessoa, dão conta das conversas do pequeno grupo em torno de assuntos transcendentais.

Naquela noite, o mais calado e casmurro dos presentes (os adjetivos estão no texto) sustentará, sem tolerar réplica, que os homens têm duas almas, e não uma, como se costuma pensar. A alma interior olha de dentro para fora, a alma exterior olha de fora para dentro. O que distingue esta última é a sua natureza versátil. Pode ser qualquer pessoa, coisa ou situação que transmita vida à primeira. Os exemplos são díspares, domésticos ou públicos, locais ou universais: um botão de camisa, uma máquina, um par de botas, os ducados para o usuário Shylock, a pátria para Camões, o poder para César; para uma senhora às vezes é a ópera, outras o baile do Cassino, ou a rua do Ouvidor, caso aliás comum, pois ela é mutante.

A multiplicidade de formas de alma exterior e a sua capacidade de preencher inteiramente a alma interior lembram as sentenças desenganadas de alguns moralistas de tendência jansenista sobre a leviandade com que objetos aparentemente desimportantes afetam a alma e a distraem de seus males mais profundos. É o tema do “*divertissement*” (diversão, distração, desvio) de Pascal. Homens graves mergulhados no luto pela perda de entes queridos logo esquecem o motivo de suas dores quando veem passar, por acaso, um javali que neles desperta o desejo da caça... Em Pascal, em La Rochefoucauld e em La Bruyère o *divertissement* é uma tentação a que a alma cristã ou estoica não deve ceder. Em Machado, é um dado de realidade que a ficção pode representar. Leia-se o conto “Dona Benedita”, que ilustra a labilidade da alma de uma senhora que afeta

sentimentos fortes e constantes, mas não tem mais que veleidades, resvalando de objeto em objeto de sua predileção. Não consegue fixar-se em nenhum, é incapaz de ser fiel a cada escolha, pois já dissipou a consistência do próprio eu.

A teoria de Jacobina corta cerce a crença na unidade coesa da alma: esta passa a ser não mais uma entidade espiritual, una e indivisível, mas tão só um polo dominado por objetos de interesse que atraem o eu como poderosos ímãs, estímulos de vida, numa palavra, desejos. A alma interior se entrega à imagem do objeto querido.

As certezas do narrador lhe vieram sob a forma de uma experiência pessoal única, que ele declara categoricamente não submeter a réplicas, como se tivesse ocorrido apenas com um determinado indivíduo – ele próprio. Como pôr em discussão uma experiência que não fora partilhada pelos companheiros daquela noite de conversa? Discutir, é sua convicção, seria açular os instintos agressivos que jazem em cada criatura, herança de sua ancestral animalidade... Se o Conselheiro Aires manifestaria em seu diário tédio à controvérsia, Jacobina, menos diplomático, recusa ceticamente todo e qualquer debate em torno da sua tese. Em compensação, contará a sua história. A narrativa suprirá o discurso, pois “a melhor definição de amor não vale um beijo de moça namorada”.

Moço de origem pobre, que todos chamavam Joãozinho, conseguiu o posto de alferes da Guarda Nacional. Posto modesto, inferior ao de tenente (hoje um segundo tenente), mas superior ao de sargento, o que significava um *status* de transição entre o praça, soldado não graduado, e o oficial, um começo decoroso de carreira. Apesar do despeito que essa nomeação provocara entre os concorrentes, quantas satisfações lhe valeu a patente! O orgulho da mãe, a sincera alegria dos primos e tios, e a generosidade dos amigos que lhe deram todo o fardamento.

Foi nesse clima de euforia que tia Marcolina o convidou para passar alguns dias no sítio onde morava a muitas léguas da vila, “um sítio escuso e solitário”. São conotações com que o narrador emite breves indícios, presságios vagos, mas nem por isso menos sugestivos de futuros estados de alma de Jacobina misturados com a paisagem. Mas não nos adiantemos, mesmo porque o acolhimento que o rapaz recebeu de tia Marcolina, do seu cunhado Peçanha e dos escravos da casa não poderia ter sido mais caloroso. Era “senhor alferes” a todo momento, eram abraços apertados da tia, eram rapapés dos escravos, um coro de elogios que reforçavam a nova identidade do rapaz, a ponto de “o alferes eliminar o homem”. A alma exterior (o posto, a farda) ocupara inteiramente a interior, como a tese de Jacobina queria demonstrar.

Mas o processo de esvaziamento da alma interior não parou aí. O narrador reconhece, a certa altura, que o alferes que vestira e investira a sua pessoa o tornara insensível às dores humanas, pelas quais sentia apenas uma “apática compaixão”, expressão em que o adjetivo suprime o substantivo. Nada mais que

um sorriso forçado, “um sorriso de favor”, ele se dignava esboçar em face dos sofrimentos do próximo. Esse era o Narciso fardado que o antigo espelho de luxo de tia Marcolina refletia quando mirado por Jacobina.

Um acontecimento inesperado mudou a vida do nosso alferes. Tia Marcolina precisou ausentar-se com o cunhado para acudir a uma filha que adoecera gravemente. Vendo a casa vazia, os escravos fugiram. O sítio ficou deserto, agora sim, escuso e solitário. Jacobina perdeu de repente o olhar dos outros que o constituíam e sustentavam a sua nova identidade.

### **A dimensão especular**

Em um primeiro momento, Jacobina, outrora Joãozinho, mirava-se no espelho e nele via refletida a figura de si mesmo construída pelo olhar do grupo de convivência. Era a imagem do alferes fardado que tantos elogios provocara da parte dos parentes e moradores do sítio. Essa fusão das aparências do papel social com a autoimagem de Jacobina remete à *dimensão especular inerente tanto no olhar do outro como no reflexo realizado pelo espelho*. Trata-se de um primeiro espelhamento, mas bastante forte para sustentar a nova *persona* de Jacobina, que passa a ser *alguém*, passa a existir publicamente em termos de identidade psicossocial.

A narrativa desdobra essa dimensão especular por via negativa. Faltando o olhar do outro, Jacobina entra em um estado de solidão que beira a angústia. Fazia pouco tempo fora agraciado pelo reconhecimento efusivo do estreito círculo que o rodeava. De repente ficara só. A evocação desse momento é um dos tentos existenciais da narrativa machadiana. Não por acaso ocupará quase metade do conto.

Rompida a comunicação com os seres humanos que o incensavam, Jacobina experimentou, como primeiro efeito da solidão, “uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular”. Estranhos sintomas de um corpo cujos movimentos fossem de repente paralisados. Quão profundo e intenso fora o estímulo da alma exterior a ponto de, na sua falta, cessar todo sinal da alma interior! À paralisia dos músculos e dos nervos sucede a parada do tempo. “Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cujo pêndulo, *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade.” A lembrança de um poema de Longfellow dava-lhe calafrios, pois o estribilho, *never, for ever – for ever, never!*, era o próprio símbolo do eterno imutável, do sempre e do nunca. Caindo a noite, vieram as sombras, e a solidão fazia-se ao mesmo tempo mais estreita e mais larga.

A que se reduzira o garboso alferes de tia Marcolina, do Peçanha, dos escravos? “Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico.” Figuras da morte da consciência que sobrevivem com a supressão de toda vida interior. Um resto de alma, no entanto, “uma parte mínima de humani-

dade”, ainda sobrevivia nos sonhos, em que Jacobina se fardava e ouvia o coro unânime da família e dos amigos encantados com o seu querido alferes. Amigos vinham e prometiam-lhe o posto de tenente, ou de capitão... No sonho era ainda o olhar do outro, resto da vigília em sociedade, que o confortava. Mas o despertar lhe arrancava as esperanças de retorno da alma exterior. A solidão permanecia, enorme. Como na lenda francesa contada por Perrault: *Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir?* Não, nada, ninguém vinha em seu socorro. E a pêndula repetia o cruel tic-tac: “era um diálogo do abismo, um cochicho do nada”.

A angústia desse tempo sem tempo, porque fora do tempo social, interrompeu o primeiro momento, feliz, que pode ser caracterizado como o da dimensão especular, que seria tolhida pela carência do olhar caloroso do próximo.

O que vem em seguida ocupa o centro vivo do conto. É a tentativa de Jacobina ver-se a si mesmo depois de alguns dias em que se recusara a olhar-se ao espelho precisamente porque temia contemplar o seu duplo naquela condição de desespero. Em suas palavras, “um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária”. Mas um desejo súbito (“deu-me na veneta”) vence o temor e Jacobina volta a mirar-se no velho espelho que tia Marcolina colocara em seu quarto.

Em vez da imagem nítida do corpo e das feições, o que o espelho lhe mostra é uma figura “vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra”... Estarrecido, mas ainda consciente de que as leis físicas continuavam a dar ao espelho o poder de refletir claramente os objetos, Jacobina atribui o fato a alguma afecção nervosa que o acometera naqueles dias de abandono. Ergue então o braço como para voltar à realidade, mas o espelho lhe devolve a imagem dispersa, esgarçada, mutilada... Começa a vestir-se na expectativa de romper aquele encanto, e o espelho desfia e decompõe os contornos da sua pessoa. Era “uma nuvem de linhas soltas, informes”.

Cumpre-se nessa passagem a perfeita analogia entre o espelho e o olhar do outro. A ausência deste nos impede de ver-nos a nós mesmos como cremos que somos vistos, de tal modo que até o espelho parece perder a capacidade de nos reproduzir com nitidez. Restou somente o reflexo de fragmentos esparsos, sombras desgarradas nos vazios da alma interior. Imagens que perfazem o que, na feliz expressão de T.S. Eliot, seria o correlato objetivo de um processo subjetivo. Mas... em certo momento ocorreu a Jacobina a ideia de envergar o fardão de alferes. Em um átimo de intuição, ele se apercebe de que a alma exterior, a vestimenta, era o sinal visível do seu *status* enquanto aparência inseparável da patente na Guarda Nacional. O espelho reflete, como antes, o alferes.

A farda, insígnia da alferidade de Jacobina, fazendo as vezes da sua alma exterior, ata de novo as linhas que ficaram soltas, inteira as partes no todo do corpo, costura as feições do rosto que se tinham esgarçado. A partir da renova-

da posse do seu *status*, ele compreende de novo a si mesmo e o mundo que o rodeia, recupera a firmeza do olhar e retoma a coerência da percepção das coisas e dos homens. Tia Marcolina e os outros moradores ainda não tinham voltado para o sítio, mas os olhos, que haviam fitado com admiração a farda de Jacobina, incorporaram-se à aparência do posto de alferes e restituíam através do espelho a alma exterior que parecia perdida.

Até aqui, a dimensão especular que funde o espelho e o olhar do outro. O processo instaurou-se com vigor nos dias de convivência de Jacobina com os seus próximos; apartou-se na ausência destes criando o deserto em torno da criatura solitária; recompôs-se enfim com a retomada da alma exterior.

A sociologia do fim do século XIX estudava o mesmo fenômeno ao examinar a força incoercível do papel social, segunda natureza do ser humano. Para a nova ciência, criada por Comte e erigida em sistema por seus discípulos, a vida do homem em sociedade estava subordinada ao papel desempenhado pelo sujeito. A função social determinava o seu quadro de valores, a percepção dos outros e de si, a memória, a vontade e sobretudo a sua consciência. Os fatos sociais, afirmava Durkheim (1984, p.13-27), são coisas. Semelhantes a estas, são dotados de exterioridade, à qual se junta o poder de coerção.

Ora, a farda é, sem dúvida, uma coisa que existe fora do sujeito e antes dele. Na esfera das representações sociais ela remete ao lugar público, o *status* ocupado pelo alferes. Uma coisa, um lugar. As representações já estão formadas pela interação de redes, grupos, no caso, o universo familiar de Jacobina. Do mesmo modo, o objeto do olhar do outro é também uma construção social: aqui, a valoração da patente da Guarda Nacional, que propiciou um alto grau de autoestima da parte de Jacobina.

As representações não são arbitrárias nem aleatórias: reforçam o sistema simbólico do grupo, compõem as partes no todo, o indivíduo na sociedade. No estado inicial do processo de espelhamento, a identificação do indivíduo Jacobina com o grupo de convivência foi íntima, a ponto de o alferes ter eliminado o homem. A esse momento de *objetivação* seguiu-se o isolamento de Jacobina, o desnorte, o estado de angústia e, no seu bojo, a decomposição da autoimagem que se refletiu no desfiamto da figura vista ao espelho. Integração primeiro, desintegração depois; a reintegração só se deu quando o fetiche social investiu, de novo, a alma interior de Jacobina, fazendo-o reconhecer-se como alferes.

### **O espelho do espelho. A dimensão especulativa**

O esquema sociológico, de extração positivista, funciona bem até o momento em que se formula a pergunta:

– Qual o lugar do narrador-protagonista deste conto que desce tão fundo na constituição social do sujeito?

Para arriscar uma resposta, é preciso voltar ao início da narrativa. Quem vai contar a sua história é um homem maduro, entre quarenta e cinquenta anos de idade, do qual sabemos que é taciturno, sorumbático e, quando fala, escar-

ninho. Sabemos também que é um provinciano capitalista, alguém que subiu na escala social, passando de moço pobre a alferes e, anos depois, a homem de considerável cabedal. Mas, a rigor, nada sabemos de sua vida decorrida entre o episódio e a narração. A ascensão econômica não lhe trouxe, porém, um trato jovial ou sequer sociável. Ouve em silêncio, não participa da discussão e, mais drasticamente, recusa o diálogo, não admite réplica, ameaça deixar a reunião se contrariado e, de fato, desaparece sem dizer adeus depois de acabada a narrativa.

Tendo recuperado a figura de alferes, aprendeu a duras penas o mecanismo que consiste na *necessidade de parecer*, pois o que vale é ser-para-o-outro. A autoanálise, que reponha em seu comentário da fase inicial do espelhamento, não deixa dúvida de que a consciência moral do narrador reconhece com lucidez a desumanização do processo inteiro. Confessa a sua frieza em relação às dores humanas, a “apática compaixão”, o “sorriso de favor” com que ouvia as queixas do próximo; em suma, a indiferença a tudo o que não fosse a sua condição de alferes.

Essa brecha da consciência, cavada na opaca fruição do próprio *status*, aponta para um desconforto moral, uma tensão mal resolvida que o caráter sórdido e ríspido do homem maduro veio potenciar. O realismo da teoria das duas almas assumia um ar inicialmente petulante, mas revela-se opressor quando a experiência da solidão e o eclipse da alma exterior levaram o sujeito a um estado agônico.

Comparado com *o conflito entre vida e forma social*, projetado na ficção e no drama de Pirandello, o efeito existencial da experiência de Jacobina será menos dramático, na medida em que uma forçosa e muda resignação final parece dizer que o mundo é assim mesmo e nada há a fazer. As personagens pirandellianas rebelam-se contra o molde social que as enrijece e as obriga a representar convenientemente o papel que delas exigem sua classe, seu *status*, sua profissão, sexo ou idade. Revoltam-se não só em atos e gestos, mas em discursos, alguns longamente elaborados, que confluem para uma doutrina neorromântica e anárquica da liberdade individual freada pelas convenções. Pirandello levou ao paroxismo o mal-estar das suas personagens a ponto de fazê-las resistir não só à pressão social que as asfixia, mas ao próprio autor (ficcionalista ou dramaturgo), que desfruta do poder arbitrário de moldá-las a seu critério e traçar-lhes o destino. É o tema de tantas de suas *novelle per un anno*, de *O falecido Mattia Pascal*, das *Seis personagens à procura do autor*, de *Um, nenhum, cem mil...* A diferença de tom em relação ao texto de Machado é sensível, mas é expressiva a afinidade na consideração do social como externo mas invasivo e imperioso.

Quando a leitura do conto se detém na perspectiva assumida pelo duplo foco narrativo (de primeira e de terceira pessoas), o que se verifica é a existência de um segundo nível de espelhamento. Tratando a farda e a patente de alferes como coisas que forjam, de fora para dentro, a vida mental do protagonista, o narrador constata (embora não denuncie explicitamente) o poder e a eficácia de

um processo ao qual uma outra sociologia, já não positivista, mas dialética, dá o nome de *reificação*.<sup>1</sup>

A farda e a patente continuam sendo coisas na sua exterioridade coatora, mas a relação do sujeito com a coisa e o fato acusa não mais a simples identificação, mas desgosto mal reprimido, esquivança e (por hipótese) crítica. No primeiro momento, o espelhamento conduzia à pura e satisfeita coisificação: é o *tipo*, o moço pobre que subiu na vida, com todos os limites estruturais que essa classificação comporta. No segundo momento, abre-se a possibilidade da consciência como instância negativa do processo.

Esse segundo espelhamento já não é passivo. A sua dimensão não é mais puramente especular: é especulativa, trabalho da reflexão sobre o reflexo, movimento que é inerente à consciência. Os signos da dimensão especulativa podem ser detectados a partir dos adjetivos que qualificam Jacobina maduro – *calado*, *casmurro*, *cáustico* –, bem como na sua reação de desconforto irritado e intratável, avesso a um discurso que socialize e dialetize as próprias certezas. O peso da alma exterior o emudece. Não obstante, a consciência desenganada aflora de modo explícito no juízo que ele faz da sua insensibilidade quando se reduzira a ser apenas e exclusivamente alferes: “A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado”. Pouco antes dissera: “ficou-me uma parte mínima de humanidade”. E adiante: “Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. [...] No fim de três semanas, era outro, totalmente outro, era exclusivamente alferes”.

Recapitulando: foram esses os passos do processo inicial de espelhamento. A farda, objeto de desejo e fetiche construído pelo teatro social, investe a alma de Jacobina e o aliena da sua condição humana: o alferes eliminou o homem. A reificação emprestou-lhe uma autoimagem feliz: mortificou-o quando parecia perdida; e reconstruiu-o quando a retomou.

O poder da coisa e do lugar marcaria Jacobina pela vida afora com o sentimento acre da sua dependência em relação aos grandes bens públicos de uma sociedade entre tradicional e moderna: o *status* reconhecido e o capital acumulado. Esse madrugado de uma dimensão especulativa é a consciência infeliz do provinciano que virou capitalista e do homem que se tornou casmurro, cáustico e refratário ao diálogo com os companheiros da noite. A lembrança, feita narrativa (no fundo e na forma, um esquivo solilóquio), é o derradeiro espelho do processo na sua inteireza.

A objetivação e a alienação, que, na fenomenologia de Hegel, são momentos progressivos de um processo cujo resultado é a plena autoconsciência, pesam neste conto de Machado mais do que uma ideal libertação.<sup>2</sup>

Permito-me, nesta altura da interpretação, esboçar uma leitura de cunho existencial. Sartre (1966, p.31), refletindo sobre a aberta oposição de Kierkegaard ao sistema de Hegel, diz: “Kierkegaard desmentiu a organização interna do

sistema mostrando que os momentos ultrapassados se conservam, não somente na *Aufhebung* que os guarda transformando-os, mas neles mesmos, sem transformação alguma, e, ainda mesmo que eles possam renascer, criando, mediante tão só a sua aparição, uma antidualética”.

Em outras palavras, e procurando ser fiel ao vocabulário filosófico de Kierkegaard, o *instante* decisivo de uma existência permanece e remanesce como tal e perdura com toda a sua intensidade primeira, não podendo ser nem apagado, nem dialeticamente superado. Jacobina, envergando a farda diante do espelho, reconheceu implicitamente que o olhar do outro o fixara para todo o sempre. Os anos transcorridos depois desse instante crucial confirmaram e potenciaram a sua definitiva entrega ao objeto que lhe conferira um *status* no seu grupo de convivência. Ele rendeu-se à perspectiva e à expectativa social, rigorosamente *re-signou-se*, reiterando e incorporando a si o signo com que o outro o tinha mirado.

Vale observar que esse olhar, tão profundamente analisado em *O ser e o nada*, em termos de coisificação do sujeito pelo outro, não é necessariamente malevolente, nem benevolente. Pode ser um ou outro ou apenas indiferente. Em um romance contemporâneo da obra madura de Machado de Assis, *O Ateniense*, de Raul Pompeia, o olhar ferino dos colegas de classe ameaça o adolescente Sérgio até levá-lo à beira do desmaio. Em “O espelho”, ao contrário, o olhar dos parentes e amigos de Jacobina alferes o envolve de calorosa aprovação e lhe dá a alegre certeza da estima familiar e pública. Mas, maléfico ou benéfico, a sua força verga e paralisa o sujeito, feito objeto, e tolhe a sua possibilidade de encontrar-se a si mesmo, barrando a realização da livre autoconsciência.

Jacobina maduro sabe que não pôde, não soube e, possivelmente, não quis superar o instante-episódio da sua entrega à fôrma social. Mas como dizê-lo aos companheiros daquela noite em Santa Tereza? Como confessar o inconfessável da sua rendição à perda da alma interior assediada e ocupada pela alma exterior? O silêncio que ele impõe aos ouvintes é um silêncio fechado, obstinado, pre-emptório, numa palavra, *casmurro*, adjetivo que viria do árabe *cadzur* mediante o espanhol *cazurro*, que significa *insociável*. Note-se que, além de *casmurro*, Jacobina é, quando fala, cáustico, isto é, sarcástico. Essa ferinidade, que não consegue dissimular-se no homem taciturno, é a expressão infeliz daquele resquício de alma interior que sobreviveu sob o domínio da mirada alheia.

Uma vez mais, a narração de um episódio imaginário abriu caminho para a revelação de uma crua realidade.

Uma vez mais, a evocação machadiana de um contexto local (uma fazenda de escravos no interior fluminense; uma patente de alferes da Guarda Nacional) acabou explorando uma questão candente do pensamento moderno: a identidade do sujeito forjada pelo olhar social.

## Notas

- 1 O conceito de reificação, afim, mas não semelhante, ao conceito hegeliano de alienação, foi trabalhado cabalmente no clássico *História e consciência de classe*, de 1923, de Georgy Lukács (1960).
- 2 Para a compreensão do conceito de alienação em Hegel, veja-se o prefácio da *Fenomenologia do espírito*, que valoriza cada instância do desenvolvimento da consciência, começando pela sua objetivação e resultando na autoconsciência. Essa progressão feliz que se move para o apaziguamento final não se dá, evidentemente, no conto de Machado, que se detém nos efeitos malsofridos da experiência da reificação (Hegel, 1996, particularmente §18 e 19).

## Referências

- ASSIS, M. de. O espelho. Esboço de uma nova teoria da alma humana. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962. v.2, p.345-52.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 11. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1984. p.13-27.
- HEGEL, G. W. F. *Phénoménologie de l'esprit*. Préface. Trad. présentation et vade-mecum par Jean-Pierre Lefebvre. Paris: Flammarion, 1996. §§ 18 e 19.
- LUKÁCS, G. *Histoire et conscience de classe*. Trad. Kostas Axelos. São Paulo: Minuit, 1960.
- SARTRE, J.-P. L'Universel singulier. In: VV. AA. *Kierkegaard vivant*. Paris: Gallimard, 1966. p.31.

*RESUMO* – O ensaio é uma tentativa de interpretar o conto “O espelho”, de Machado de Assis, à luz de dois registros: o da leitura sociológica canônica e o da leitura existencial. Pelo primeiro, a experiência do protagonista é compreendida em termos da força do papel social que modela, de fora para dentro, a identidade do sujeito. Pelo segundo, essa mesma experiência permite o afloramento de uma consciência infeliz, que é negativa e crítica. O caráter dialético dessa segunda leitura não se dá, porém, como superação hegeliana do momento inicial do processo, mas como coexistência dos opostos.

*PALAVRAS-CHAVE*: Machado de Assis, Interpretação social, Interpretação existencial, Leitura dialética.

*ABSTRACT* – This essay is an attempt to interpret “O espelho”, a short story by Machado de Assis, from two stances: the canonical sociological reading and an existential reading. According to the former, the protagonist’s experience is understood in terms of an overwhelming social role that molds his identity from the outside in. In the latter, the very same experience leads to the emergence of a despondent consciousness that is both negative and critical. The dialectical character of the second reading, however, is not a Hegelian overcoming of the initial stage of the process, but rather a coexistence of opposites.

KEYWORDS: Machado de Assis, Social Interpretation, Existential interpretation, dialectical reading.

*Alfredo Bosi* é titular de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Letras. Publicou, entre outras obras, *História concisa da literatura brasileira*; *O ser e o tempo da poesia*; *Céu, inferno*; *Dialética da colonização*; *Machado de Assis: o enigma do olhar*; *Literatura e resistência*; *Brás Cubas em três versões*; *Ideologia e contraideologia*; e *Entre a literatura e a história*. É editor da revista *ESTUDOS AVANÇADOS*. @ – abosi@usp.br

Recebido em 10.1.2014 e aceito em 28.1.2014.

<sup>1</sup> Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil.